

Pirarucu da discórdia na Ilha do Bananal

Categories : [Reportagens](#)

Ilha do Bananal - A relação com a água vem desde a concepção destes povos quanto a origem da humanidade. Para os índios Karajá e Javaé, habitantes da Ilha do Bananal (TO), maior ilha fluvial do mundo com quase 2 milhões de hectares, os primeiros humanos ascenderam das profundezas do rio Araguaia para habitarem o plano intermediário entre o nível subaquático e superior (celeste). Eles contam que no local da passagem, existe até hoje um enorme buraco e uma bananeira de dimensões grandiosas - quando o homem veio ao mundo trazia consigo a banana, daí o nome da Ilha do Bananal.

Com suas aldeias mirando os cursos dos rios, estes índios cultivam uma relação íntima com o “Fundo das Águas”. O cotidiano, a disposição das casas, os rituais, a alimentação e o meio de subsistência, tudo gira em torno dos rios. É das profundezas de seus leitos que as comunidades tiram o seu sustento espiritual e material.

A pesca representa a principal atividade econômica e fonte de proteína na dieta alimentar nas aldeias. Com a venda do peixe, as famílias têm o dinheiro necessário para a compra do óleo, arroz, café e açúcar. O artesanato e a caça ficam em segundo plano.

Contudo, nas Terras Indígenas (T.I.) Inawébohona (2006) e Utaria Wyhina Irána Iródu (2010) sobrepostas ao [Parque Nacional do Araguaia](#) (PNA), gerenciado pelo Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio), praticar a pesca para fins comerciais é do ponto de vista jurídico, incompatível com os objetivos de um parque nacional. A Lei Federal 9985/2000 prevê que nas Unidades de Conservação de Proteção Integral é permitido “apenas o uso indireto dos seus recursos naturais”. Não é o que acontece no PNA.

Da Ilha, são 562 mil hectares que estão sob o regime de dupla-afetação. O restante pertence a T.I. Parque Indígena do Araguaia (PQARA), onde vivem cerca de cinco mil índios, somando os Javaé, os Karajá e alguns poucos da quase extinta etnia Ava Canoeiro, conforme contagem da Fundação Nacional de Saúde (Funasa).

A inicial incoerência que gerou muitos embates cria, agora, a oportunidade de uma gestão participativa em que agentes do ICMBio e índios buscam compatibilizar exploração com preservação. O foco dos índios pescadores é o pirarucu, maior peixe de escamas de água doce do Brasil, ameaçado de extinção. Sua pesca é proibida no estado, mas por ser abundante na Bacia do Araguaia, os índios querem viabilizar seu comércio num programa de manejo de pesca sustentável.

Reportagem continua abaixo

Copie o código e cole em sua página pessoal: